

Apresentação

A proposta de um número da Revista *Organon* sobre Romance Memorial deveu-se à tendência do romance contemporâneo de abordar temáticas da anterioridade, ou seja, aquelas em que o narrador rememora cenas familiares, sua relação com pais e avós, em busca de um melhor entendimento de si próprio. Trata-se, portanto, de uma variante das escritas de si, calcadas na interioridade; e que resultam em narrativas autobiográficas e/ou autoficcionais, nas quais o eu narrador escava sua própria subjetividade.

Régine Robin definiu o romance memorial ou familiar como aquele

através do qual um indivíduo, um grupo ou uma sociedade pensa seu passado, modificando-o, deslocando-o e deformando-o; inventando lembranças, um passado glorioso, ancestrais, afiliações, genealogias ou, ao contrário, lutando pela exatidão factual, pela restituição do acontecimento ou sua ressurreição” (1989, p. 48).

Tais narrativas são também denominadas romances de filiação (cf. Dominique Viart, 2008), nos quais predomina a temática da ascendência, da ancestralidade, alicerçando-se na memória cultural, voltada para as origens e para os modos de transmissão.

O número que apresentamos hoje aos leitores da *Organon* reúne autores de onze universidades brasileiras (PUCRS, UFRGS, UFSM, Unilasalle, UFJF, UFPR, FURG, Uniritter, UFPI, UFF, USP) e de uma universidade francesa (Rennes2, Haute Bretagne). São doze artigos e duas resenhas elaborados por quinze pesquisadores que, embora tenham focalizado a temática proposta do Romance memorial, familiar ou de filiação, contemplam um amplo e diversificado leque de romances contemporâneos da literatura brasileira e de várias literaturas estrangeiras modernas.

Nesse sentido, a paleta de literaturas que foram utilizadas para comprovar a revivescência do romance memorial na literatura contemporânea foi das mais diversificadas com amostragens instigantes das literaturas brasileira, afro-brasileira, luso-africana, ameríndia, hispano-americana, de

língua francesa, apresentando quatro artigos com base em autores canadenses, quebequenses, antilhanos e franceses, e de língua alemã, com dois artigos que destacam a evolução do romance de família (*familienroman*) nas atuais literaturas de língua alemã.

Alguns autores retomam de modo mais evidente as principais e mais atuais teorizações em torno do romance memorial e da memória cultural, como Zilá Bernd, Kelley B. Duarte e Jovita Gerheim Noronha, enquanto outros inovam no sentido de associar a prática do romance memorial em literaturas das Américas como Maria Josele Bucco Coelho, apresentando o exemplo da escritora Maria Rosa Lojo, que problematiza a questão do exílio de seus pais na Argentina em *El árbol de familia*; como Alcione Corrêa Alves, que trabalha com o romance *Adèle, la pacotilleuse* do premiado escritor francófono do Caribe, Raphael Confiant; como Nubia Hanciau, que apresenta uma detalhada releitura da obra *Marcas de nascença (Lignes de faille)* da canadense Nancy Huston, destacando “o segredo em torno das filiações” de quatro gerações da mesma família; como Rita Olivieri-Godet que analisa, em perspectiva comparada, as figurações das relações dos indígenas no continente americano em obras em que é através da memória que é posto em cena o imaginário dos confins. A literatura brasileira é apresentada por Valéria Brisolará e Roberto Medina, que fazem uma releitura de *Ibiamoré, o trem fantasma* como narrativa da memória, relacionando-a à noção de romance memorial; por Ana Maria Lisboa de Mello, que - através da literatura migrante de Salim Miguel (*Nur na escuridão*) - destaca um narrador que articula sua memória à de sua família; e por Zilá Bernd que destaca a presença feminina na literatura afro-brasileira, relendo *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves, que relata a saga da escravidão no Brasil do ponto de vista do trabalho de memória e transmissão de mãe para filha através de quatro gerações.

Se as literaturas das Américas são amplamente contempladas, também a literatura lusófona africana é retomada por Donizeth Aparecido dos Santos, que demonstra, a partir do romance *Yaka*, de Pepetela, que, através da história de uma saga familiar, o texto literário pode recontar a história da sociedade angolana.

Em relação às literaturas europeias, dois artigos retomam as literaturas de língua alemã: o de Helmut Paul Galle, que reflete sobre a intenção da literatura alemã contemporânea de enfatizar - através do romance familiar (*familien roman*) - tanto aspectos de confronto radical entre gerações, quanto a tendência à continuidade identificadora; e o dos pesquisadores Elenara Walter Quinhones e Anselmo Peres Alós, que fazem a leitura do

romance *Austerlitz*, do mundialmente conhecido escritor alemão W.G. Sebald. A literatura francesa é apresentada por Jovita Gerheim Noronha em estudo da obra *La dernière année*, do escritor e crítico francês Philippe Villain (1969), que subverte as fronteiras entre biografia e autobiografia ao evocar figuras parentais, pois nelas se revela um modo oblíquo de escrita de si, na medida em que é a abordagem do outro que leva à elaboração da “identidade narrativa”.

Duas resenhas encerram o presente número, ambas abordando a questão da memória e suas implicações com a literatura. A primeira é de autoria de Anna Faedrich, sobre o livro de Zilá Bernd *Por uma estética dos vestígios memoriais*, releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros (Fino Traço, 2013); e a segunda é assinada por Zilá Bernd, sobre o livro da teórica argentina Leonor Arfuch *Memória y autobiografía, exploraciones en los límites* (Fondo de cultura Econômica, 2013).

BIBLIOGRAFIA

ROBIN, Régine. *Le roman mémoriel*. Montréal: le Préambule, 1989.
VIART, D. Récit de filiation. IN VIART, D.; VERCIER, B. (éds.) *La littérature française au présent*. Paris: Bordas, 2008. (p. 79-101).

Zilá Bernd
Organizadora